



RAIMUNDO GIRÃO (28/6/2005)

Clarividência histórica

Perde o Ceará o seu maior historiador. Aquele que substituiu, em importância, outro grande nome da historiografia cearense, Raimundo Girão. Ao meu ver, Girão e Geraldo são os dois nomes mais respeitáveis de nossa historiografia no último quartel do Século XX. Convivi com ambos e, mais detidamente, com Geraldo da Silva Nobre, no Instituto do Ceará, quando voltei a freqüentar, com assiduidade, como parceiro dele na diretoria do Instituto.

Antes, já conhecia Geraldo Nobre de perto, porque ele foi o diretor do Arquivo Público, durante minha administração na Secretaria de Cultura do Ceará (1979 - 1982). Naquela época, o Governo do Estado necessitava de trabalhos elaborados sobre história e recorria à Secretaria de Cultura e, esta, de modo infalível, recorria à inteligência de Geraldo Nobre. Ele escreveu, nesta época, trabalhos bem significativos. Um deles sobre a história da energia elétrica no Ceará. Outro, bastante elucidativo, sobre a batalha das águas quando da construção dos açudes - sistema Pacoti-Riachão - que iriam abastecer a cidade de Fortaleza.

O Ceará perde não apenas o historiador que sabia de cor a parte mais significativa da história do Estado, mas também o professor que, com objetividade e clarividência, sabia repassar para seus alunos os conhecimentos em área cada vez mais valorizada pelas pessoas que estudam o resgate do nosso passado. Geraldo Nobre, um solteirão convicto, era casado com os livros e com sua biblioteca. E eu estimo que a sua livraria deva conter cerca de dez mil livros. Ele era um sábio, modestíssimo, e homem de uma bondade extraordinária. Com a morte de Geraldo Nobre, não é só o Ceará que fica órfão mas a própria historiografia brasileira.

Eduardo Campos

especial para o Caderno 3

Eduardo Campos é jornalista, dramaturgo e atual Presidente do Instituto do Ceará